



Discernimento, formação, acompanhamento: palavras-chave da Instrução

Frei José Filipe da Costa Rodrigues, dominicano

1. Agradeço a possibilidade de poder partilhar com os meus irmãos e irmãs religiosas o meu entendimento destas três atitudes indispensáveis no acolhimento de novas vocações: Discernimento, Formação e Acompanhamento. Faço-o através de uma prática – o facto de, nos últimos anos, a minha província me ter pedido para acompanhar os que querem entrar na Ordem nas primeiras etapas formativas: postulante, noviciado e estudante.

O texto-base desta nossa semana de reflexão foi-nos oferecido pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada “O dom da fidelidade e a alegria da perseverança”. Temos de reconhecer e agradecer o enorme trabalho que esta nossa Congregação tem feito nos últimos anos, com várias publicações, para que a vida consagrada entre também na renovação da Igreja, sempre necessária, e com o impulso do nosso querido Papa Francisco que, logo no início do seu pontificado, quis dedicar um ano à vida consagrada.

Sobre cada uma destas atitudes irei partir de um episódio bíblico para partilhar o que sei e o que sinto.

2. As Orientações do nosso texto não têm como objeto de estudo a formação na vida religiosa. Podemos encontrar no texto alguns apontamentos sobre a importância da formação, do acompanhamento e do discernimento. O documento tem um objetivo claro: depois de falar da beleza da fidelidade entendida como dom de Deus e da alegria da perseverança, aborda a questão difícil na vida religiosa que é a separação do instituto, a tal “hemorragia” de que o Papa Francisco falou em janeiro de 2017. As hemorragias tratam-se, e a terceira parte do documento dá conta disso, mas as hemorragias também se podem prevenir. E tenho para mim que os primeiros anos de vida religiosa são fundamentais para que possa haver fidelidade e perseverança na resposta ao chamamento de Deus.

2.1. DISCERNIMENTO

Passemos à primeira atitude: o discernimento¹. Escolhi para esta atitude a passagem do Antigo Testamento da vocação de Samuel. Samuel e Heli. Todos conhecemos a passagem, não é preciso aqui recordá-la, mas sim, gostaria de, a partir dela, retirar pormenores que nos podem ajudar ao discernimento.

2.1.1. *O Senhor, naquele tempo, falava raras vezes e as visões não eram frequentes (v. 1).*

O relato da vocação de Samuel começa por contextualizar o seu tempo; não é de estranhar que Samuel não conseguisse distinguir a voz de Deus e a voz de Heli. Afinal, o Senhor falava raras vezes e as visões não eram frequentes. Mas será assim ou podemos inverter a análise do contexto? Será que era mesmo Deus que falava raras vezes ou estaria a acontecer o que nós notamos ainda hoje nas nossas sociedades, a indiferença religiosa, o analfabetismo religioso, a não-experiência de Deus, mesmo entre ambientes católicos, como colégios, lares e até grupos de jovens e catequeses... Será Deus que não fala ou será que os ouvidos da geração Z não são tão sensíveis ao chamamento de Deus?

Neste ponto o Documento da nossa Congregação ajuda-nos quando analisa os contextos atuais do nosso mundo, adversos à fidelidade e à perseverança, mas também fala da importância da formação da consciência (não da formatação!), da auto-compreensão, do despertar da sensibilidade interior...

Falei há pouco da geração Z. Uma geração que não é a nossa, mas que é a que agora bate às portas das nossas comunidades ou com a qual partilhamos a fé em juventudes ou pastorais universitárias². O nosso mundo está em constante mudança, rápida e às vezes incompreensível.

¹ É de leitura obrigatória o capítulo 9 da Exortação Apostólica *Christus vivit*, que fala aos jovens sobre o discernimento.

² Está bem identificada e estudada a geração Z na Internet. Basta para aqui apenas algumas referências mais gerais: são os nascidos entre 1990 e 2010; são os que nasceram já na era digital, sempre conectados, o instrumento de trabalho é o telemóvel, já não conseguem viver sem internet nem conseguem estar offline, a vida social passa, necessariamente pelas variadas redes sociais (o Facebook já não é para esta geração; preferem o Instagram e o Snapchat). Um estudo mostra as seis características desta geração: são pragmáticos (1): realistas ao extremo, práticos com vontade extrema de satisfazer as suas necessidades financeiras e o enriquecimento pessoal (quer emocional quer sensorial). São adeptos do pensamento lógico, são autodidatas e responsáveis. São indefinidos (2): para a Geração Z, o importante é não se definir. Quebram e contestam vigorosamente todos os estereótipos e não ligam para definições de género, idade ou classe. Hipervalorizam o próprio eu, e por isso, desconstruem os rótulos, valorizando a identidade fluida. Exaltam a individualidade, entendem a diferença. São conversadores (3): um traço surpreendente dos novos jovens é que eles constroem e não rompem. Dialogam, entendem e agregam. São contrários à polarização, compreendem a diferença. O diálogo é a ferramenta e a rede, seu campo de conciliação. São ativistas, compassivos e ponderados. São autênticos (4): é a primeira geração que vive os efeitos da vida em rede. São autênticos e espontâneos, expõem suas fragilidades, intimidade explícita e valorizam a transparência. São inclusivos (5): gostam de fazer parte de diversos grupos. Não importa a ideologia ou a corrente de pensamento. Há sempre um ponto de conexão entre as pessoas. É a geração dos emojis: uma geração que adotou um novo código universal, baseado em memes e

Os nossos jovens acompanham esta mudança e, se quisermos até, são os que estão a fazer a mudança. Vale a pena relar a exortação apostólica do Papa Francisco, *Christus vivit*, sobre a juventude como o “agora de Deus” (nn. 64-110)³.

Também a nível espiritual esta geração é diferente. É muito espiritual, mas não como nós entendemos a espiritualidade... Frequentam menos a Igreja e rezam menos (de acordo com os nossos parâmetros); acreditam em Deus e recorrem a Ele ou a um membro da Igreja (ordenado ou não) para partilhar momentos de alegria ou de tristeza. São muito sensíveis às causas da justiça social e têm verdadeira fome e sede de justiça (movimentos juvenis que “lutam” pela justiça social, racial e económica)... Uma das redes que a Igreja pode lançar para poder envolver os jovens no seu apostolado e até num dinamismo vocacional é, sem dúvida, a da solidariedade. Numa das celebrações da Palavra que fiz com alunos do 12.º ano, num momento de partilha, perguntei-lhes o que é que em termos espirituais levavam do colégio. A esmagadora resposta foi a palavra Solidariedade. Esta geração não é um problema, é um desafio!

Então, o discernimento entra aqui como elemento fundamental para que se possa remar para o mesmo lado, caminhar na mesma direção, apanhar o mesmo voo para o mesmo destino. Usando uma expressão do Papa Francisco, “arriscar juntos”⁴.

2.1.2. A lâmpada de Deus ainda não se tinha apagado (v. 3).

O segundo pormenor do relato de vocação do jovem Samuel é a referência a que a lâmpada de Deus ainda não se tinha apagado. Significa que ainda havia luz, ainda havia esperança. Podemos usar esta mesma ideia para a crise vocacional que as nossas Congregações e Ordens atravessam: o momento é difícil, é; é angustiante, começa a ser, mas... a lâmpada de Deus ainda não se apagou. É preciso, portanto, não deixar que a lâmpada se apague e, para isso, precisamos de duas coisas: proteger a chama e ter combustível para ela continuar a arder e a iluminar.

Não deixar que a lâmpada se apague. Significa, antes de mais, ter esperança. Na abertura do ano da vida consagrada, o Papa Francisco pedia-nos que o vivêssemos em três atitudes: sendo jubilosos, sendo corajosos e sendo mulheres e homens de comunhão⁵. O nosso testemunho, o nosso apostolado, a nossa vida fraterna, a nossa oração em comunidade fazem manter a lâmpada acesa.

emojis. Usam a linguagem por códigos para exercitar sua capacidade crítica com leveza e humor. Uma linguagem conectada com o agora com múltiplas referências, além de gigantesco poder viral. (<https://www.consumidormoderno.com.br/2017/09/22/caracteristicas-fundamentais-geracao-z/>).

³ N. 64: “Depois de observar a Palavra de Deus, não podemos limitar-nos a dizer que os jovens são o futuro do mundo: são o presente, estão a enriquecê-lo com a sua contribuição. Um jovem já não é uma criança, encontra-se num momento da vida em que começa a assumir várias responsabilidades, participando com os adultos no desenvolvimento da família, da sociedade, da Igreja”.

⁴ *Cristus Vivit*, n. 198-201.

⁵ http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco_20141130_messaggio-anno-vita-consacrata.html

Depois, recuperar a qualidade das nossas relações. Este esforço pela qualidade da vida fraterna (quando digo qualidade não digo disfarce ou aparência de qualidade) vai ser o combustível indispensável para a lâmpada arder.

Finalmente, acolhimento. Acolher aquele ou aquela que nos bate à porta. Acolher é mais que abrir a porta da nossa comunidade e mostrar-lhe as divisões da casa, ou preparar um fim-de-semana ou mesmo uma semana vocacional. Acolher é abrir-me ao outro, à novidade que ele me traz. Não temos de mostrar tudo mas também não deveríamos ter nada a esconder. A proposta de Jesus aos discípulos de João que querem ver, saber, onde Jesus mora e como vive assenta em dois verbos extremamente vocacionais: vinde e vede⁶. Atrever-me-ia a dizer que uma maneira de prevenir a tal hemorragia é mesmo sarar as várias feridas comunitárias, que passam pelas relações, pelos projetos comunitários, pelas prioridades... Às vezes caímos na tentação de dizermos que os candidatos ou candidatas não tinham vocação, ou na de nos desculparmos dizendo que, como as nossas comunidades estão envelhecidas, os mais novos não se sentem bem mas talvez o problema não esteja neles mas sim em nós. Vale a pena ler e reler, sozinho e em comunidade, as sete tentações que o Papa Francisco identificou na vida religiosa⁷.

O documento que é tema desta semana identifica questões graves e danosas da nossa vida comunitária: difíceis relações interpessoais e comunitárias (n. 18), experiência de solidão (n. 19), tensões entre comunidade e missão (n. 20), gestão no mundo digital (n.º 21) e relação com o poder e a posse (n. 22)⁸. Uma vida comunitária de qualidade (não se pretende perfeita nem sem tensões) vai ser essencial para perceber a importância não só do formador mas da própria comunidade como comunidade formadora (uma espécie de diretora espiritual), e também da primeira atribuição dos neo-professores ou neo-professoras, depois do tempo de formação⁹.

2.1.3. Compreendeu Eli que era o Senhor quem chamava Samuel (v. 8).

O discernimento precisa sempre de alguém, mais velho (mais maduro e sábio que velho), que compreenda os sinais de Deus na vida da pessoa e na vida da comunidade. Foi para mim o pior, como formador: ter de avaliar e decidir sobre a vida dos outros. Isto reveste-se de maior preocupação se virmos que aquele ou aquela que bate à nossa porta, ou que está no noviciado ou que está em formação inicial é chamado por Deus. Heli foi fundamental no discernimento vocacional de Samuel: compreendeu que era o Senhor quem o chamava. Este é o ponto de partida no discernimento vocacional: ele ou ela é chamada por Deus como eu fui. Quem acompanha, formador ou comunidade, não é o que dá a vocação mas tão somente a reconhece na vida do

⁶ João 1, 39.

⁷ <http://cirp.pt/site/papa-francisco-as-sete-tentacoes-do-consagrado/>

⁸ O Capítulo Geral de Bien Hoa (2019) da Ordem dos Pregadores falou das três grandes debilidades da vida dominicana: individualismo crescente, fragilidade da vida comunitária e o excessivo activismo apostólico.

⁹ O CG Bien Hoa diz no n.º 72: “A geração mais jovem pede cada vez mais vida comunitária e com frequência não encontra uma resposta oportuna para esta demanda. Estamos em dívida para com os jovens”.

candidato¹⁰. Reconhecer a vocação é o nosso ministério junto de quem começa. Por isso, quem recebe a missão de formar, que implica discernir, tem necessariamente de acompanhar, como iremos dizer mais à frente.

Permitam-me ainda que, a propósito do discernimento, refira três situações que ao longo do meu percurso de formador foram também objeto de amadurecimento: a diferença entre o ideal e o real, os critérios absolutos e os critérios relativos e, por fim, o irrenunciável.

A diferença entre o ideal e o real.

É frequente que os mais jovens quando entram na nossa comunidade venham cheios de ideais: todos se dão bem, tudo é harmonia, tudo é de qualidade... quase anjos. Mas, por vezes, a realidade é outra. Como se diz, e bem: temos um tesouro, mas o vaso é de barro¹¹. Então, é preciso fazer este discernimento entre o ideal e o real. O real não pode ser desculpa para não se querer conquistar o ideal mas, aos poucos, é preciso que se nivelem as duas realidades para se chegar a um equilíbrio¹². O texto da Congregação diz que, apesar dos “nós críticos”, a perseverança e a fidelidade são possíveis e nós somos testemunhas disso.

Os critérios absolutos e os critérios relativos.

Na vida social, familiar e eclesial o vale tudo não pode ser critério. E há sempre uma tensão entre o extremo da exigência máxima e o extremo do relativismo. E às vezes, com facilidade, trocamos os critérios: o que era absoluto torna-se relativo e o que é secundário e absolutamente relativo dá abertura a conflitos e más disposições¹³. É bom ter claro, nos vários degraus da formação, mas também na vida das comunidades, o que é principal e o que é secundário.

¹⁰ No ritual da Profissão da Ordem Dominicana, no início do noviciado o Provincial faz a seguinte exortação: Olhai, filhos, já recebestes da nossa parte a misericórdia de Deus e a nossa porque já vos demos o nosso hábito para experimentardes a nossa vida; falta-vos fazer a profissão para obter em plenitude aquela misericórdia. E porque pode acontecer que não vos agrade o nosso modo de vida, ou não nos agrade o vosso modo de a viver, com a autoridade da Igreja e da Ordem, concedo-vos um ano para que possais experimentar o nosso modo de vida e nós o vosso. E, se vos agrada viver connosco, e a nós agrada o vosso modo de viver, sereis admitidos à profissão; caso contrário, seremos reciprocamente livres. Esforçai-vos por suportar com gosto este jugo por amor a Deus e em obedecer em tudo ao vosso Mestre como obedeceríeis a mim.

¹¹ 2 Coríntios 4, 7.

¹² Conta-se, na minha Ordem, que um noviço era muito exigente para com a comunidade. Criticava os irmãos, um porque não rezava de manhã, outro porque faltava à Missa, outro porque não fazia as orações com as devidas reverências... coitado do padre mestre que ia ouvindo e pondo água na fervura. Até que um dia o noviço adormeceu e não foi a Laudes. Envergonhado, foi bater à porta do quarto do Padre Mestre e, humilhado, pediu desculpa por ter adormecido. O Padre Mestre, sorrindo, deu-lhe um grande abraço e disse-lhe: bem vindo ao mundo dos humanos!

¹³ Um confrade, observando uma discussão acesa sobre um critério tão secundário, não tendo entrado na discussão mas tendo-lhe sido pedida a sua opinião respondeu: desde que descobri que Deus é o absoluto tudo o resto é relativo.

Finalmente a questão do irrenunciável.

Há coisas irrenunciáveis na vida do Instituto. A crise de vocações não nos pode ceder no irrenunciável. E o que é irrenunciável? Cada Congregação ou Ordem ou Instituto terá os elementos próprios do seu carisma, que são irrenunciáveis, não se questionam. E perceber e fazer perceber que a vida consagrada é um caminho de exigência, que obrigatoriamente terá de romper com o que se fazia antes de entrar num Instituto. A renúncia que Jesus pediu aos seus discípulos continua atual. Um livro interessantíssimo dos anos 60, escrito por um padre dominicano sobre a função do Padre Mestre, quando fala da “admissão dos sujeitos” diz que “*não basta entrar na Ordem; a Ordem deve entrar em nós com o seu ideal, o seu espírito, a sua regra e as suas virtudes*”¹⁴. Isto é irrenunciável. A entrada num Instituto não deve ser só uma entrada canónica ou de baixar armas porque precisamos de vocações. A configuração com o carisma do Instituto é irrenunciável. A vida fraterna, a pobreza evangélica, a nossa conduta evangélica... tudo isto e mais os elementos específicos de cada carisma são irrenunciáveis. O discernimento muitas vezes tem isto de penoso: ajudamos no discernimento e não uma nem duas vezes se vem a perceber que a vocação do candidato não é no meu Instituto, mas sim noutra. Penoso talvez para o nosso Instituto, mas proveitoso para a Igreja, se conseguirmos encaminhar.

2.2. FORMAÇÃO

Segunda palavra da Instrução: Formação. Valho-me para este ponto de duas personagens unidas na amizade e no ministério: Paulo e Timóteo, mas sobretudo uma recomendação que Paulo dá a este seu discípulo e que encontramos na primeira carta que dirige a Timóteo (4, 6-16): “*Expondo estas coisas aos irmãos, serás um bom servo de Cristo Jesus, alimentado com as palavras da fé e da boa doutrina que tão diligentemente tens seguido. Mas rejeita as fábulas ímpias, coisa de comadres. Exercita-te na piedade. O exercício físico de pouco serve, mas a piedade é útil para tudo, pois tem a promessa da vida presente e da futura. É digna de fé e de toda a aceitação esta palavra. Pois se nós trabalhamos e lutamos, é porque pomos a nossa esperança no Deus vivo, que é o Salvador de todos os homens, sobretudo dos que creem. Eis o que deves proclamar e ensinar. Ninguém escarneça da tua juventude; antes, sê modelo dos fiéis, na palavra, na conduta, no amor, na fé, na castidade. Enquanto aguardas a minha chegada, aplica-te à leitura, à exortação, ao ensino. Não descures o carisma que está em ti, e que te foi dado através de uma profecia, com a imposição das mãos dos presbíteros. Toma a peito estas coisas e persevera nelas, a fim de que o teu progresso seja manifesto a todos. Cuida de ti mesmo e da doutrina, persevera nestas coisas, porque, agindo assim, salvar-te-ás a ti mesmo e aos que te ouvirem*”.

¹⁴ Conta-se, na minha Ordem, que nas votações para a admissão de um noviço para a profissão não havia acordo entre os votantes. Após um longo diálogo, na votação, ela saiu negativa, o candidato não tinha sido admitido. Um irmão mais velho, que tinha falado pouco na discussão, comentou dizendo: ele entrou na Ordem mas a Ordem não entrou nele.

É abundante a literatura que nos últimos anos saiu sobre a questão da formação. Não só a nível do Magistério¹⁵ mas certamente em todos os Institutos. A abundância de documentos revela duas coisas: a importância do tema (a importância da formação) e também a sua recuperação (recuperar a visão que temos sobre a formação). A nossa Instrução fala no n.º 40 da formação como “fundamento da perseverança”.

Durante muitos anos se pensou na vida consagrada que, quando se falava em formação, era o tempo inicial que compreendia o postulante, noviciado e juniorado ou estudantado. Com os votos solenes ou com a ordenação acabava o tempo de formação. A formação permanente foi entrando no nosso vocabulário e nós fomos preenchendo com palestras e encontros de formação, leituras e pesquisas. Tudo isso válido e útil, não só para a formação e crescimento pessoal, mas também comunitário¹⁶. Mas talvez tenham focado mais a questão técnica, espiritual, de pormenor de acordo com os interesses individuais ou de uma comunidade. Ora, a formação de que se fala é, antes de mais, a formação para a maturidade. Diz assim o documento “Vida fraterna em comunidade” (n. 43): *“Uma das finalidades dessas iniciativas (de formação permanente) é de formar comunidades maduras, evangélicas, fraternas, capazes de continuar a formação permanente no quotidiano”*. Vale a pena refletir um pouco sobre isto, a partir dos conselhos de São Paulo a Timóteo, que há pouco lemos.

2.2.1. “Sê modelo dos fiéis, na palavra, na conduta, no amor, na fé, na castidade”.

Nesta primeira exortação vejo a importância dos contextos da formação. São Paulo diz-nos que o testemunho não só é a primeira pregação mas também o resultado da nossa formação. O que lemos e estudámos, como fazemos e como pregamos reflete muito as fontes em que andámos a beber ou deixámos de beber. Por exemplo, erradamente se pensou que a Ordem dos Pregadores era a Ordem dos intelectuais porque estudavam muito... não, o estudo na Ordem dos Pregadores não é um fim. O fim da Ordem dos Pregadores é a salvação das almas que se consegue pela pregação. E para que a pregação seja eficaz e salve mesmo então temos estudo, que nos forma, nos educa, nos prepara para a pregação.

Somos o espelho do que lemos, do que absorvemos. E a formação permanente ou contínua, faz-nos ir avançando, atualizando, convertendo. E refletir-se-á nas nossas palavras, na nossa conduta, no amor, na fé e na castidade, para usarmos a expressão de São Paulo. Disse São João Paulo II: *“Se não acompanhamos o tempo ficamos para trás; e quem fica para trás fica desqualificado para o seu trabalho e a seguir virá, inevitavelmente, o desânimo”*¹⁷.

¹⁵ O documento “Perscrutai” (2014) fala da formação essencial para o Evangelho e suas exigências (n. 9); o documento “Contemplai” (2015) dedica um capítulo a este tema (n. 43-63).

¹⁶ Santo Alberto Magno escreveu, a propósito da dimensão comunitária do estudo: *“Procurar a Verdade na doçura da Comunidade”*.

¹⁷ Citado por fr. Damian Byrne, numa Carta à Ordem sobre a formação.

2.2.2. “Enquanto aguardas a minha chegada, aplica-te à leitura, à exortação, ao ensino”.

Esta segunda exortação de São Paulo leva-nos às pessoas implicadas na formação. Paulo, mestre, diz a Timóteo, discípulo, que não deixe de estudar, de exortar e de ensinar, até que ambos se encontrem.

E quem são as pessoas implicadas na formação?

Em 2016 a minha Ordem aprovou a nova *Ratio Formationis Generalis*. E colocou a comunidade em primeiro lugar como agente de formação. E esclareceu: a comunidade em formação e a comunidade de formação. Diz mesmo: “*A testemunha mais eloquente e o melhor mestre de fraternidade para os jovens frades é uma comunidade de formação que vive e funciona bem*”. Deixar o tema da formação para o Mestre ou Mestra e suas noviças é descartar-se da missão e da corresponsabilidade de formar. E a comunidade formadora tem de ter como prioridade a formação de cada um dos seus membros, da comunidade como tal e de quem recebe para formação. Formar é mais que passar matéria e informação. Formar exige envolvimento, acolhimento e partilha da fé. É muito positivo que quem está na formação inicial reconheça que as irmãs ou irmãos da sua comunidade vivem juntos porque não se escolheram, mas porque foram todos escolhidos por Jesus, que estão reunidos por questões de fé e não por questões de amizade, que não estão no Instituto para se realizarem, mas para realizar a missão do Instituto. E também é importante que a comunidade que recebe a missão de formar receba as irmãs e irmãos mais novos como dons de Deus, chamados igualmente por Jesus, como nós fomos, e que respeitem o talento, a energia, as intuições e a criatividade que trazem consigo e gostariam de partilhar connosco.

Segundo agente da formação: o próprio formando. Em todos os noviciados na minha Ordem, quando estudamos as Constituições, e às vezes logo no início do processo de formação, mandamos ler e sublinhar o n.º 156. E o que diz o n.º 156? “*Pertence ao próprio candidato, sob a orientação dos seus mestres e dos outros formadores, a principal responsabilidade da sua formação, cooperando livremente com a graça da vocação divina*”. A comunidade é suporte, os mestres e formadores são guias, mas não substituem a vontade, determinação e perseverança do próprio formando¹⁸. Será muito mau se deixarmos os formandos abandonados a leituras e a resumos... o interesse, a partilha e os frutos do que se aprende são a melhor oferenda e a melhor bagagem da nossa vida em Deus.

Terceiro agente da formação: o formador. Confesso que aqui, no meu caso, há uma distância enorme entre o que vou dizer e o que fui e sou como formador. Se a formação, na vida religiosa,

¹⁸ José Tolentino Mendonça, no seu livro “O hipopótamo de Deus” (p. 134-135), reproduz o seguinte conto oriental: “«Um discípulo foi ter com o seu professor de meditação, cheio de tristeza, quase a desistir, e disse: ‘A minha prática de meditação é um fracasso! Ou me distraio completamente, ou as pernas me doem muito, ou me entrego ao sono’. ‘Isso passará’ – disse o mestre suavemente. Uma semana depois, o mesmo estudante voltou à presença do mestre, mas agora eufórico: ‘A minha prática de meditação tornou-se maravilhosa! Sinto-me tão vigilante e tão pacificado. É simplesmente extraordinário’. O mestre respondeu-lhe com a mesma tranquilidade: ‘Isso também passará.’»”.

é um dos pontos fulcrais, no qual se investe muito tempo, dinheiro e forças, os que têm a responsabilidade sobre ela também são escolhidos com bastantes exigências. O Padre Lacordaire dizia que o Padre Mestre deve ser forte como um diamante e terno como uma mãe. Não tenho conhecimento dos planos de formação dos Institutos religiosos para poder fazer uma súmula das qualidades que os formadores devem ter. Somos quem somos e somos como somos.

Tendo em conta a geração Z, atrevo-me a indicar algumas atitudes para que possa haver interação entre ambos: disponibilidade, prudência, paciência, humildade e mansidão. Escreveu São Tomás de Aquino: a mansidão (ou a doçura) é a virtude ideal que torna a pessoa mestra de si própria¹⁹.

E não esquecer que devemos ser e dar exemplo (que é diferente de ensinar). Nos ditos e feitos dos Padres do Deserto lê-se o seguinte relato de Cassiano sobre o abade João: *“O abade Cassiano conta este episódio do abade João, na altura superior do Grande Mosteiro: o abade estava à beira da morte, mas feliz e de bom grado se preparava para ir ao encontro do Senhor; os irmãos aproximaram-se dele e pediram-lhe para que ele lhes deixasse como herança uma palavra útil e breve que lhes permitisse elevarem-se à perfeição em Cristo. O abade suspirou e disse: «Nunca levei a minha vontade, nunca ensinei nada sem que eu próprio tenha antes posto em prática»*”²⁰.

2.2.3. “Toma a peito estas coisas e persevera nelas, a fim de que o teu progresso seja manifesto a todos”.

Esta terceira exortação de São Paulo leva-me a refletir convosco aquilo que se espera de todos os implicados e em todos os processos formativos: a maturidade. É verdade que a meta principal da formação em qualquer Instituto é o de formar discípulos de Jesus e prepará-los para a missão, de acordo com o carisma próprio. Mas não se podem descuidar outras preparações e maturações, o vinho novo em odres novos. Daí que não seja estranho que a Instrução que nos acompanha nesta semana de estudos nos fale, antes de mais, de formar a consciência, a auto-compreensão, a formação para a liberdade... *Nemo dat quod non habet*, diziam os antigos. Ninguém dá o que não tem. E é a comunidade, em processo de maturação, é o formando em processo de maturação e são os mestres, em processo de maturação, os que dão e recebem, como é próprio de quem partilha a vida. Uma frase que aprendi com o meu Padre Mestre e que fui repetindo aos noviços nos últimos anos foi esta: *“não exigimos pessoas perfeitas mas sim pessoas que queiram ser perfeitas”*. Por isso, maturidade e equilíbrio fazem parte deste dinamismo formativo. Maturidade e equilíbrio que devemos ver nas vocações que nos chegam, mas também na própria comunidade e formador. Não é este o espaço para vermos em pormenor critérios de maturidade, mas assinalo alguns: estabilidade de ânimo, liberdade e responsabilidade, aceitar os limites e aprender com os erros (também se amadurece cometendo erros!), integrar experiências de fracasso, ver a formação permanente como desafio e oportunidade de amadurecimento.

¹⁹ II-II, q. 157, a 4.

²⁰ Cassiano, 5.

3. ACOMPANHAMENTO

Passemos por fim à terceira atitude da Instrução: o acompanhamento. E escolho para início de reflexão sobre esta atitude de amizade e de companheirismo a do Arcanjo Rafael com o Jovem Tobias.

Não podendo ler todos os capítulos desta bela história e ícone de acompanhamento, resalto dela três momentos:

3.1. Quando Tobias encontra Rafael e vai dizer ao pai que encontrou quem fosse com ele à Média, diz-lhe Tobite: *“Chama-o, porque quero saber a que tribo pertence e se é pessoa de confiança para te acompanhar”* (Tb 5, 9). Esta passagem faz-me levantar a pergunta: Quem escolhemos para acompanhar os mais novos? É certo que a comunidade está implicada, é certo que podemos valer-nos de outras pessoas que ajudem na caminhada formativa, mas a formadora, o formador, seja mestre ou não, tem aqui uma missão principal, única e, mesmo que a realidade não o permita, exclusiva, ou pelo menos, que lhe dedique grande parte do seu tempo.

Quando me pediram para ser o mestre dos noviços, a primeira coisa que fiz foi ir ao encontro do meu padre mestre, que terminava nesse ano o seu ofício de mestre de noviços. Pedi-lhe que me desse algumas luzes porque para mim era tudo novidade no que dizia respeito à formação e não tinha tido formação específica de acompanhamento de vocações. Foram dois dias de conversa e depois passou-me alguns ficheiros mais práticos de matérias que poderiam ser úteis. No email que acompanhava os ficheiros escreveu-me: *“Tem paciência e confia no Senhor e em Maria que nunca nos abandonam... vais ver que aparecerão ajudas, meios, respostas... ao que fores precisando... e também os irmãos o farão, ainda que às vezes tenhamos dúvidas”*. Senti o conforto das palavras e pressenti o peso da responsabilidade. Mais tarde li o tal livro de que vos falei acima, sobre o Padre Mestre. E logo nas primeiras páginas da segunda parte (a primeira é uma apresentação da Ordem) deparo-me com a seguinte afirmação: *“O Padre Mestre é para os noviços o pai, o educador, o instrutor e o exemplo”*. Pus-me em sentido. Mas o pior estava nas linhas seguintes: *“No coração dos deveres do padre mestre está o de se santificar pessoalmente e de formar santos”*. Fiquei sem palavras.

É de altíssima responsabilidade a escolha de quem acompanha. Porque para além da maturidade humana é preciso também a maturidade espiritual. E para além das maturidades também são necessárias qualidades, e para além das qualidades são também necessárias as virtudes. É certo que se formos a analisar todas as exigências requeridas a quem se pede para ser formador, das duas uma: ou não encontramos com facilidade ou ninguém aceita. São dois extremos. Mas o critério de Tobite parece-me ser englobante e ajustado: saber se é de confiança. Critério irrenunciável. O formador, a formadora, não são professores ou delegados da província para acolher os mais novos. Os formadores não se devem achar acima dos seus irmãos mais novos. Os formadores não se improvisam. O formador, a formadora são irmãos e irmãs mais velhos, que

têm confiança em si próprios, que têm a confiança da comunidade, que conquista a confiança de quem é acompanhado, caminhando com quem quer caminhar o mesmo caminho da santidade e da perfeição, com grande abertura, disponibilidade e paciência²¹.

Deixo só duas atitudes que no meu ponto de vista o formador e a formadora devem evitar: o paternalismo que infantiliza o acompanhado e o equilíbrio na integração da vida comunitária (atribuir muitos ofícios a quem começa ou, pelo contrário, não participarem nas tarefas comunitárias).

3.2. Durante a viagem, Rafael vai aconselhando e esclarecendo Tobias para seu bem (6, 3-9): *“Disse-lhe então o anjo: «Agarra o peixe e domina-o!» O jovem apoderou-se do peixe e levou-o para terra. Continuou o anjo: «Abre-o, tira-lhe o fel, o coração e o fígado e guarda-os contigo. As vísceras, porém, deita-as fora. O fel, o coração e o fígado desse peixe são um ótimo remédio.»* Um dos ditados que se dizem a propósito do Caminho de Santiago é que “o caminho faz-se caminhando”. E Clarice Lispector escreveu este pensamento: *“Quem caminha sozinho pode até chegar mais rápido, mas aquele que vai acompanhado, com certeza vai mais longe”*.

Uma das definições do verbo acompanhar é seguir com o outro a mesma direção e não mostrar somente o caminho. Por isso, em quase todas as orientações sobre formação pedem, se não exclusividade, pelo menos que seja esse o grande empenhamento do formador. Exatamente para poder acompanhar. Esta exclusividade dá espaço a outras atitudes para quem partilha um caminho: a disponibilidade, a paciência... Vale a pena recuperar um documento dos anos 90 mas que continua atual: Orientações sobre a formação nos Institutos religiosos. Lê-se no n.º 30: Aos formadores *“corresponde-lhes também acompanhar o religioso nos caminhos do Senhor por meio de um diálogo direto e regular”*. Esta é uma exigência de quem acompanha: o formador não pode ser nem polícia nem um *personal trainer* mas sim um igual peregrino, para que a partilha e a confiança aconteçam²².

Rafael ensina Tobias a dominar o peixe e a extrair dele o que é bom e a deitar fora o que é mau. Esta é também uma missão de quem acompanha: ensinar e incentivar o bem, aconselhar e prevenir o mal. Por isso, são exigentes as qualidades que se requerem do formador e ainda mais difícil encontrar quem as tenha. O mesmo documento de 1990 enumera 6 qualidades: capacidade humana de intuição e acolhimento; experiência amadurecida de Deus e da oração; sabedoria que deriva da escuta atenta e prolongada da Palavra de Deus; amor à liturgia e compreensão do seu papel na educação espiritual e eclesial; necessária competência cultural; disponibilidade de

²¹ Partilho mais algumas ideias do livro *“Le Père Maître des novices et des frères étudiants dans la Ordre des Frères-Prêcheurs”*: *“O Padre Mestre deve ser um grande irmão no meio dos seus noviços e estudantes; deve ser humanamente perfeito e perfeitamente humano; deve ter um coração paternal nas suas correções, sábio nos seus conselhos, sereno e luminoso nos seus ensinamentos; lembre-se de que uma palavra dura irrita o coração sensível; lembre-se que a correção é um dever paternal, deve instruir. Deve aplicar a correção com a prudência e discricção que a caridade inspira”*.

²² Apesar de se falar do diálogo direto e regular muitas revelações mútuas e aprofundamentos de relação e de confiança adquirem-se no informal, como passeios, atividades conventuais...

tempo e boa vontade para consagrar-se ao cuidado pessoal de cada candidato e não somente do grupo”²³. Estas qualidades requeridas só têm um objetivo: a partilha da vida, humana, espiritual e comunitária.

Embora não nos possamos deter em mais pormenores não deixa de ser curioso que o Arcanjo Rafael diz a Tobias que guarde o coração, o fígado e o fel do peixe porque são remédio: o coração, segundo a Bíblia como órgão do equilíbrio da vida; o fígado como o órgão dos afetos e o fel, amargo, lembra-nos as lições da vida. O formador tem também esta importantíssima missão de acompanhar aqueles e aquelas que o Instituto entregou para fazer caminho, mostrando-lhes a importância de uma vida equilibrada (dimensão holística da vida), orientada nos afetos (dimensão afetiva da vida) e ajudando a compreender que nem tudo na vida comunitária é doce como o mel (atitude de resiliente da vida). No passado dia 2 de fevereiro o Papa Francisco dizia-nos assim na sua homilia: *“As relações humanas, especialmente quando se trata de partilhar um projeto de vida e uma atividade apostólica, todos sabemos que nem sempre são pacíficas. Às vezes surgem conflitos e não se pode exigir uma solução imediata, nem se deve julgar precipitadamente a pessoa ou a situação: é preciso saber dar tempo ao tempo, procurar não perder a paz, esperar o momento melhor para uma clarificação na caridade e na verdade. Não se deixar confundir pelas tempestades. (...) Nas nossas comunidades, requer-se esta paciência mútua: suportar, isto é, carregar aos próprios ombros a vida do irmão ou da irmã, incluindo as suas fraquezas e defeitos”*²⁴. Aprender com os erros é alavanca de conversão, suportar com paciência as fraquezas do irmão é obra de misericórdia.

3.3. Depois da viagem, quando querem recompensar Rafael (Tb 12, 2-20), *“Tobias respondeu-lhe: «Pai, quanto lhe hei de dar como paga? Não sofrerei dano algum, se lhe der metade dos bens que ele trouxe comigo. Ele reconduziu-me são e salvo; curou a minha esposa; trouxe o dinheiro comigo e também te deu a vista. Quanto, pois, lhe hei de pagar?» (...) Então, Rafael chamou os dois à parte, e disse-lhes: «Louvai a Deus e agradecei-lhe; exaltai-o e apregoai a todos os viventes o que fez por vós, pois é bom louvar a Deus, exaltar o seu nome e apregoar as suas obras. Não vos canseis de o confessar”*.

A melhor recompensa do formador será dada quando vir no formando o dom da fidelidade e a alegria da perseverança. Pode deixar de ser o seu mestre ou a sua mestra, mas será sempre seu irmão ou sua irmã. Esta é uma das grandes riquezas da nossa vida: a fraternidade. Quanto mais irmãos formos, quanto mais cuidarmos uns dos outros, quanto mais nos suportarmos uns aos outros (suportar significa apoiar e não aguentar) com mais beleza e alegria viveremos a nossa vida consagrada. A Instrução reforça muito este sentido de acompanhar como irmão. A Encíclica do Papa Francisco *Fratelli tutti* é uma convocação de todos os seres humanos a cuidarmo-nos uns dos outros, a sermos bons samaritanos uns dos outros (quantas vezes não seremos nós os levitas

²³ *Orientações sobre a formação nos Institutos religiosos*, n. 32.

²⁴ http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/papa-francesco_20210202_omelia-vitaconsacrata.html

ou os sumos-sacerdotes...); em especial o capítulo VI que fala de temas tão importantes para a qualidade da nossa vida fraterna que determinará, de certa maneira a felicidade ou a frustração de quem vive a vida religiosa: o diálogo, o construir juntos, a importância dos consensos, a cultura do encontro, o prazer de reconhecer o outro, a importância da amabilidade... isto traz-nos felicidade, isto traz-nos alegria, isto traz-nos realização, isto traz-nos um agradecimento quotidiano a Deus pelo que faz em nós e através de nós.

O formador, a formadora, pode pensar que em cada ano recomeça, mas não. Cada ano, cada noviciado não é um recomeço, mas uma continuidade. Vamos caminhando mais enriquecidos pela partilha da vida, somos contagiados pela ilusão que os mais novos trazem, tornamo-nos mais novos mesmo que as rugas ou os cabelos brancos teimem em aparecer.

E teremos sempre uma missão: estarmos atentos aos irmãos e irmãs mais novas: atentos às suas atividades apostólicas, mas também atentos às experiências de solidão, de desorientação ou de tristeza. Também aqui podemos citar o Papa Francisco quando, no início desta pandemia, nos fez lembrar que estamos todos no mesmo barco.

4. E termino. O documento “O dom da fidelidade, a alegria da perseverança”, depois das orientações claras e assertivas sobre a base que torna a nossa vida bela, dinâmica, alegre na perseverança e agradecida no dom da fidelidade, expõe a normativa canónica, necessária para regular a vida dos irmãos. Esta minha reflexão, mais do que uma releitura da Instrução, quis ser uma tomada de consciência da importância da formação na vida de cada um de nós e também a importância da qualidade da vida comunitária como alicerces na vida de quem dá os primeiros passos na vida religiosa. O Documento, logo no início, lembrou a imagem com que o Papa Francisco descreveu a situação atual da vida religiosa: “*Estamos diante de uma hemorragia que debilita a vida consagrada e a própria via da Igreja*”²⁵. É certo que as hemorragias aparecem às vezes sem mais, mas também se podem evitar. Discernimento, formação e acompanhamento podem ajudar a estancar. Obrigado.

²⁵ http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/january/documents/papa-francesco_20170128_plenaria-civcsva.html